

Ecolingüística vs. Ecologia da linguagem

3.1.

O papel da línguas globalizantes, o inglês em particular, na morte de línguas minoritárias.

Não se sabe exatamente quantas línguas desapareceram desde o início da História, mas certamente foram milhares. Esse problema, portanto, não é novo, sempre existiu. Em todas as épocas, as questões lingüísticas estiveram ligadas a aspectos sociais, políticos, econômicos e militares dos povos que, pelas mais diferentes razões, mantiveram contatos que viriam a causar influências de umas línguas sobre outras, conforme se pôde comprovar em 2.2. Línguas já tidas como globalizantes, e não apenas o inglês, ‘sufocaram’ outras línguas minoritárias.

O chinês, o russo, o árabe, o francês, o português e o espanhol, entre outros, tiveram também grande impacto sobre outras línguas através da História. Nos dias atuais, essa questão vem atraindo a atenção de muitos estudiosos, visto que o perigo de desaparecimento continua acontecendo até hoje. O *Atlas das Línguas em perigo de desaparecimento no Mundo* (2002) informa que, atualmente, pelo menos 3000 línguas estão em perigo , seriamente ameaçadas ou morrendo em várias partes do mundo. Heye (2004), em trabalho no qual apresenta retrospectiva sobre a problemática da morte de línguas minoritárias, afirma que apenas umas 600 línguas são consideradas ‘seguras’, visto possuírem número de falantes acima do patamar de perigo, que está situado em torno de 20.000 falantes.

Ainda segundo o Atlas, a Europa teria cerca de 50 línguas em perigo. Algumas delas faladas na Escandinávia e no norte da Rússia são consideradas seriamente ameaçadas ou moribundas. A França sozinha tem 14 línguas gravemente ameaçadas. Nesse continente, as línguas minoritárias sofreram políticas repressivas, apesar de terem

encontrado defensores recentemente. Somente alguns raros países, como a Noruega e a Suíça, encorajam o multilingüismo há algum tempo.

A África é, sem dúvida, o continente com maiores problemas no tocante ao desaparecimento de línguas maternas. As autoridades de vários países encorajam a dominação das “grandes” línguas africanas, como o swahili (África do Leste) ou mesmo línguas coloniais. Segundo estimativas do Atlas, das 1.400 línguas locais, pelo menos 250 estão ameaçadas e, de 500 a 600 estão em declínio. Nigéria, Etiópia, Quênia, Uganda, Tanzânia e Sudão são os países onde a densidade das línguas moribundas ou gravemente ameaçadas é maior.

Outras três áreas – Austrália, Nova Caledônia¹ e a ilha de Formosa (Taiwan) – também apresentam problemas. Das 23 línguas formais dessa última, 14 não estão resistindo à pressão do chinês. Já em Nova Caledônia, a França exerceu uma influência devastadora: dos 60.000 habitantes indígenas da ilha, 40.000 esqueceram sua língua materna. Na Austrália, que até os anos 70 proibiu que os aborígenes utilizassem qualquer uma de suas 400 línguas, há um número recorde de línguas recentemente desaparecidas ou ameaçadas. Somente 25 línguas aborígenes ainda são comumente faladas.

Na América do Norte, poucas línguas inuitas (dos esquimós) da região ártica sobreviveram às pressões das línguas francesa e inglesa. Há alguns anos o Canadá vem estimulando a preservação dessas línguas, assim como das 104 línguas ameríndias que sobrevivem em seu território. Nos Estados Unidos, menos de 150 línguas indígenas sobrevivem hoje, ao contrário de outras centenas que existiam antes da chegada dos europeus. Apesar da discriminação dessas línguas ter diminuído nos anos 70, de acordo com o Atlas, uma reação do conservadorismo e da política do ‘somente inglês’ ocorreu nos anos 80, acelerando a extinção das línguas ameríndias.

Na América Central e do Sul, a diversidade lingüística não é tão rica, se for comparada a de outras regiões, devido principalmente ao extermínio de populações inteiras no leste do Brasil, na Argentina e no Uruguai. Atualmente, várias línguas indígenas estão sob pressão do espanhol e do português.

¹ Nova Caledônia é um território da França, situada dentro do oceano Pacífico ocidental (sul). É um grupo de ilhas entre Fiji e Austrália.

Se, como afirmou Crystal, o uso de uma língua globalizante não é muitas vezes a justificativa para o desaparecimento de outras, quais seriam então os motivos para que tal fato ocorresse? Além das razões anteriormente abordadas em Kiernan (1993), outras apontadas por Heye (2004) seriam:

- ◆ riscos físicos: os falantes podem correr riscos de integridade física, com doenças, epidemias;
- ◆ fenômenos climáticos, como secas, vendavais, enchentes ou ainda riscos geológicos como terremotos e maremotos que desalojam populações;
- ◆ a localização geográfica (predominantemente na Ásia e na África), o estágio de desenvolvimento dos respectivos países e o estatuto minoritário de numerosas comunidades face a poderosos idiomas oficiais;
- ◆ o rompimento e a transferência de certas comunidades: indivíduos ou pequeno grupo de indivíduos encontram-se imersos em um ambiente cultural e lingüístico diferente, que acaba por sufocar sua língua;
- ◆ o contato dos falantes com uma cultura mais “agressiva” ou mais forte no plano econômico e, em conseqüência, os adultos estimulam seus filhos a aprenderem a língua da cultura, visando, principalmente, à obtenção de um emprego melhor;
- ◆ o ataque de algumas minorias por grupos humanos que destroem seus ambientes para extrair minerais, madeira, petróleo e outras riquezas, impondo-lhes também outra língua;
- ◆ o desestímulo sistemático das autoridades pelo emprego das línguas locais seja na escola, na administração ou nos meios de comunicação.

Para reverter esse quadro, Crystal sugere o aumento do prestígio da língua local, forte presença da língua materna no sistema educacional, atitudes encorajadoras de aceitação da língua durante a alfabetização e acesso à tecnologia eletrônica. Heye (2004) sugere ainda que se estabeleçam algumas prioridades, tais como: (a) documentar as línguas ameaçadas de extinção que são isoladas ou cuja relação de parentesco com outras línguas é desconhecida ou incerta (muitas línguas das Américas, da Papua-Nova Guiné, da Austrália e da Rússia); (b) desenvolver uma lingüística ‘preventiva’ que possa orientar na avaliação e no diagnóstico de uma situação lingüística atual de acordo com um embasamento teórico

sólido e atualizado e (c) fazer pressão em nível internacional, nacional e regional, já que existem dezenas de ONGs dedicadas ao resgate de línguas ameaçadas de extinção.

Não são poucos os que têm se debruçado sobre a questão da preservação e valorização das línguas maternas, como pode ser atestado a partir das declarações a seguir. A primeira, proferida por Koïchiro Matsuura, (2002), Diretor Geral da UNESCO, por ocasião da celebração do Dia Internacional da Língua materna – dia 21 de fevereiro.

“ De todas as línguas faladas no mundo, a mais importante para o começo do desenvolvimento emocional e cognitivo é aquela com que aprendemos a nomear nosso universo pessoal. É a língua da infância, da experiência familiar íntima e das nossas primeiras relações sociais. Nesse Dia Internacional da Língua Materna, todas as línguas são tratadas de forma igual, visto que cada uma é resposta única à condição humana e cada uma é também um patrimônio vivo que merece nossa atenção.”

A outra declaração é do presidente do Instituto Camões, Jorge Couto (2001):

“ Com o desaparecimento de uma língua, não é somente uma criação humana que morre, mas também uma forma de exprimir uma concepção do mundo, um modo de expressar uma relação com a natureza, uma tradição oral, uma poesia, enfim, uma cultura, contribuindo, assim, para o empobrecimento global da humanidade.”

(Couto, in DN de 19/03/2001)

Segundo Yaguello,² lingüista da Universidade de Paris: “ à problemática da língua perfeita, seguida da língua universal, sucedeu, no início do terceiro milênio, aquela das línguas em extinção”.

Crystal (2000) também aborda o desaparecimento de diversas línguas minoritárias do planeta. Segundo ele, a morte de um idioma é a de uma cultura. Morrem tradições, folclores, sentimentos, memórias. A morte de um dialeto é uma perda tão grande para a humanidade em geral quanto a da última espécie animal.

² <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling09.htm>

O lingüista defende uma atitude “ecológica” em relação aos idiomas. Ele lembra que enquanto existem centenas de sociedades de proteção ao urso panda, por exemplo, ninguém parece importar-se com a extinção de centenas de idiomas.

A UNESCO tem participado do esforço de salvamento das línguas ameaçadas. Esse órgão tem realizado estudos de grupos de línguas ameaçados e planeja também criar um sistema de monitoramento visando a prevenir o desaparecimento das línguas ameaçadas. A organização vem comemorando o Dia Internacional da Língua Materna desde o dia 21 de fevereiro de 2000. No dia 2 de novembro de 2001, durante uma conferência geral, ela adotou a Declaração Universal da Diversidade Cultural, encorajando a comunidade internacional a tomar medidas para proteger o patrimônio imaterial, incluindo as línguas, tal qual os tesouros culturais e naturais do patrimônio material.

O inglês, na qualidade de língua com poder jamais visto em outros tempos, tem recebido acusações de ser o grande responsável por tantas ‘baixas’ sofridas entre as línguas minoritárias e de contribuir para o desprestígio de outras não minoritárias. Ele vem até sendo qualificado como “*killer language*” (língua assassina) em relação a algumas outras línguas.

Embora, pelo que foi visto até agora, tenham existido várias línguas tidas como globalizantes que ‘sufocaram’, ‘asfixiaram’ outras de menor prestígio, não restam dúvidas de que, atualmente, é o inglês, com a sua expansão mundo afora, a língua que mais ‘ameaça’, se não a sobrevivência de outras., pelo menos a possibilidade de elas desfrutarem de uma posição de mais prestígio e poder.

A relação entre o avanço do domínio do inglês e o seu impacto na existência de outras línguas vem suscitando inúmeros debates, principalmente a partir dos anos 90.

Para Hamel (2003), o principal conflito lingüístico global e externo é o relacionamento entre o inglês como uma língua global e as línguas nacionais e regionais.

O mesmo autor (2003), discorrendo sobre a educação plurilingüística que era promovida nos países do continente sul-americano, afirma que, no momento, ela está ameaçada por uma crescente domínio do inglês como a única língua estrangeira. Da mesma forma que ocorre em outros continentes, as línguas mais afetadas pelo domínio do inglês são o francês, seguidos pelo alemão e pelo italiano.

Calvet (apud Hamel, 2003 : 112 e 113) é da opinião de que o avanço do imperialismo do inglês pode beneficiar-se do processo de revitalização das línguas minoritárias, uma vez que o fortalecimento de línguas locais acaba por enfraquecer as línguas nacionais, línguas essas que representam, freqüentemente, um obstáculo à expansão do inglês. Para ilustrar seu ponto de vista, ele cita o fortalecimento de línguas nacionais da Espanha, tais como catalão, basco e galego, o que viria a ser um fator de enfraquecimento do espanhol castelhano e o conseqüente favorecimento ao avanço do inglês.

Já Crystal afirma que nos últimos tempos, o status alcançado pelo inglês como língua global vem gerando algumas mudanças positivas. Tais mudanças seriam provocadas pela grande atenção que essa questão vem despertando, fazendo com que, dessa forma, se obtenha um apoio maior à valorização de línguas locais. Além disso, lembra ele, movimentos por direitos lingüísticos vêm desempenhando papel importante em vários países.

Para ilustrar a existência de opiniões divergentes a respeito da questão do desaparecimento e morte de línguas , vale registrar a observação de Crystal (2000) ao mencionar o fato de que há quem ache que o silêncio dos idiomas não é de todo negativo, pois muitos seguem a história bíblica da torre de Babel, segundo a qual, a proliferação das línguas seria uma penalidade imposta à humanidade e o desaparecimento delas restauraria a perfeição original.

Felizmente, tal opinião não é compartilhada por muitos, pois a importância de se preservar a heterogeneidade lingüística e cultural mundial, vem sendo percebida e, sendo assim, vem recebendo atenção especial. Cada vez mais há pessoas conscientes da necessidade de se adotarem medidas efetivas para que as múltiplas línguas e manifestações culturais ao redor do mundo sejam fortalecidas e deixem de caminhar rumo à extinção.

Um fato interessante a ser observado é que línguas globalizantes que em outras épocas se impuseram sobre outras de menor poder, sentem agora na própria pele o que um dia causaram a outras. O espanhol e o português, por exemplo, impuseram suas línguas aos povos por eles conquistados e no caso das línguas indígenas, foram responsáveis pelo desaparecimento de muitas delas. Hoje em dia, no entanto, os dois também sofrem as conseqüências do poder do inglês, pelo menos na esfera sul-americana. Isso pode ser

constatado quando se analisa o papel das duas no Mercosul, a única comunidade vigorosa e relevante de países na América que opera fora do controle dos EUA. De que maneira essas duas línguas são afetadas pelo poder do inglês ficará explícito a partir do item a seguir.

3.2.

A influência do inglês no âmbito do Mercosul.

O Mercosul – Mercado Comum do Sul - é um bloco regional do qual fazem parte Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Em 26 de março de 1991, os presidentes desses quatro países assinaram um tratado – o tratado de Assunção – para promover integração regional a nível econômico, social e cultural entre esses países. Os dois idiomas oficiais desse bloco são o espanhol e o português. Entre os objetivos do grupo de trabalho dedicado à Educação encontra-se o que diz respeito à difusão das línguas portuguesa e espanhola e de suas diferentes culturas.

Até o presente momento, no entanto, o que se verifica é que a promoção do ensino do espanhol no Brasil e do português nos outros países do Mercosul não passou de projetos, alguns oficiais e outros privados. No Brasil, por exemplo, há um projeto de lei – o 4.004/93 - enviado ao Congresso tornando obrigatório o ensino de espanhol nos currículos das escolas de Ensino Fundamental e Médio que tramita até hoje, ou seja, há mais de uma década. Acreditava-se em sua aprovação ainda em 2004.

Há pessoas que estão verdadeiramente empenhadas em fazer com que o acordo vigore, pois percebem o quão importante seria que todos do continente se entendessem. Alguns defensores do Mercosul clamam que a língua é a sua arma secreta. O fato de serem apenas dois os idiomas oficiais desse bloco, em oposição ao número dos da União Européia – vinte até o presente momento e com a perspectiva de incorporação de outras mais, à proporção que novos países são admitidos nesse bloco - é um facilitador desse

entendimento, um trunfo inigualável à obtenção de uma verdadeira integração entre os países do continente.³

Durante seminário sobre “ O desafio da integração dos povos sul-americanos”, realizado em Corumbá, Mato Grosso do Sul, em setembro de 2004, não foram poucos os que pediram o reforço das fracas iniciativas existentes para o ensino bilíngüe português-espanhol nos países da América do Sul.⁴

Bruno Barrios, vice-ministro da Cultura do Paraguai, uma das autoridades presentes, declarou que a integração mediante os idiomas português e espanhol seria o reforço definitivo para os vínculos políticos, comerciais e econômicos construídos em torno do Mercosul. E que só com entendimento será possível tornar realidade esta grande união dos povos do continente.

No mesmo seminário, Agustín Courtoisie, representante do ministério da Educação do Uruguai, afirmou que sem apoio político, a integração lingüística não seria possível.

Até há alguns anos, tanto no Brasil quanto nos demais países da América do Sul a situação em relação ao ensino dessas duas línguas era bastante parecida. Os países sul-americanos costumavam ignorar seus vizinhos, preferindo “olhar” para a América do Norte e para a Europa. No Brasil, por exemplo, o francês era um idioma muito mais valorizado do que o espanhol, o mesmo acontecendo na Argentina em relação ao português.

No Brasil, embora o inglês continue a ser o idioma de maior prestígio e o preferido como segunda língua, já há muitos brasileiros que parecem ter percebido a importância do espanhol e da maior aproximação com os países vizinhos. A procura pelos cursos de espanhol vem apresentando um grande crescimento. Como segunda língua estrangeira a ser aprendida, alguns fatores pesam a favor desse idioma em relação a outros, tais como o francês, o alemão e o italiano. Entre esses fatores pode-se citar o valor do idioma no mercado de trabalho. O Brasil passou a receber nos últimos anos grandes investimentos da Espanha. Muitas empresas têm vindo se instalar no Brasil, entre elas a petroleira Repsol e os bancos Santander e BBV. Assim, é necessário ter o domínio do espanhol. Não é mais possível usar o “portunhol”, uma mistura de português e espanhol. Muitas pessoas,

³ Além das onze línguas oficiais que possuía – finlandês, norueguês, sueco, neerlandês, inglês, francês, português, alemão, italiano, espanhol e grego - a UE passou a contar, a partir de 2004, com mais nove línguas, a saber: esloveno, checo, eslovaco, maltês, letão, lituano, estônio, húngaro e polaco.

⁴ Site: <http://diversão.terra.com.br/interna?0,,O1389642-EI25,00.html>

iludidas com algumas semelhanças entre esses dois idiomas, achavam que era dispensável o aprendizado formal do espanhol. Com a popularização do idioma, muitos foram os equívocos praticados por quem pensava que poderia entender e se fazer entender em um idioma parecido com o português, mas sem o seu estudo efetivo. A título de curiosidade, vale registrar a propaganda veiculada nos meios de comunicação há alguns anos por um curso de idiomas, o CCAA. A propaganda era centrada justamente nos equívocos e situações de embaraço a que as pessoas ficavam expostas quando se arriscavam a falar espanhol sem o conhecerem realmente. Para tal, seus comerciais apresentavam diálogos em que o uso de falsos cognatos criava situações de comicidade, como por exemplo o uso da palavra *embaraçada* (em espanhol, *embarazada* significa *grávida*)

Por todos esses fatores já mencionados é que se vêm envidando esforços para fazer com que a lei ‘saia do papel’ e seja efetiva e eficientemente colocada em prática. Apesar de o projeto de lei de 1993, que torna obrigatório o ensino do espanhol na rede oficial ainda estar tramitando, já se notam avanços no ensino do idioma espanhol no Brasil, como se pode constatar pelo conjunto de medidas adotadas para incrementar seu ensino:

- a criação de associações de professores de espanhol, entre elas: CORPE – Conselho rio-grandense dos professores de espanhol; e ASOCIACIÓN DE PROFESORES DE ESPAÑOL, Associação de professores de espanhol do estado de Pernambuco.
- a inclusão do espanhol como opção nas provas dos principais vestibulares, como UFRJ, UERJ, UFF, USP e outras.
- sua inclusão como matéria obrigatória no currículo do sistema de ensino público do estado do Rio de Janeiro;
- o ingresso de algumas centenas de professores no sistema público de ensino. De acordo com Bertolotti e Lutz (2003), de 2000 a 2003, foram contratados mais de 300 professores de espanhol.
- a criação do Instituto Cervantes, em São Paulo (em 1998) e no Rio de Janeiro.

Além dos motivos até aqui enumerados para justificar o crescimento do interesse dos brasileiros por esse idioma, há ainda de se levar em consideração o fato de que o espanhol é considerado uma língua de grande prestígio, visto que sempre gozou de um alto

reconhecimento como língua de cultura, ciência, literatura e comunicação internacional por parte de todos os países hispânicos.

Em contrapartida, o português sempre foi considerado como uma língua de menor relevância e de circulação internacional mais restrita, não sendo considerado, por isso, como língua de vital importância para os falantes de espanhol. Um investimento em seu aprendizado, portanto, não valeria a pena. Na década de 60, nos EUA, era inclusive considerado uma língua ‘exótica’.

As manifestações da cultura espanhola ficaram conhecidas no Brasil, mas o contrário não aconteceu. Os países hispânicos mantiveram uma barreira com o português, que nunca passou das fronteiras. Apenas aí nas fronteiras, o português tem algum prestígio porque é incontestável a superioridade brasileira no que se refere à dinâmica industrial e comercial. Hamel (s/d in Bertolotti e Lutz : 92) afirma que “enquanto o espanhol sempre gozou de alto reconhecimento como língua de cultura, ciência, literatura e comunicação internacional, o português era considerado como língua de menor relevância e circulação internacional na percepção dos países hispânicos, de modo que não valia muito a pena investir em seu aprendizado.” * (tradução da autora)⁵

Até o início do Mercosul, o português, também língua europeia de cultura e de importantíssimo valor comercial, chegou a ser considerado uma ameaça. No Uruguai, por exemplo, ele sempre esteve excluído da educação pública, pois considerava-se que ele poderia pôr em risco a unidade e a homogeneidade lingüística do país.(Barrios 1999, apud Maurais e Morris)

Sendo assim, por esse ângulo, somente os brasileiros teriam algo a ganhar com a adoção da política lingüística estabelecida nos termos do Mercosul. Os falantes de espanhol não vêem muita utilidade em despender energias para aprender um idioma que não lhes garantirá melhores oportunidades no mundo competitivo de hoje em dia.

Anteriormente à criação do Mercosul, os países do bloco já davam mais valor a línguas como francês, italiano, inglês, alemão,... Quanto ao português, ele nunca foi valorizado - nem o do Brasil nem o de Portugal.

⁵ “Mientras el español siempre gozó de un alto reconocimiento como lengua de cultura, ciencia, literatura y comunicación internacional, el portugués era considerado como lengua de menor relevancia y circulación internacional en la percepción de los países hispanos, de modo que no valía mucho la pena invertir en su aprendizaje”.

Também o Brasil seguia essa tendência de não valorizar o aprendizado da língua dos países vizinhos. Somente a partir de alguns anos, os brasileiros têm se empenhado em aprender o espanhol, pois têm percebido a força desse idioma, além de também se terem conscientizado da importância de aprender outras línguas estrangeiras.

Nos últimos tempos, muitas companhias apontam como diferencial para os candidatos ao preenchimento de vagas em seus quadros, o domínio de às vezes até duas outras línguas estrangeiras, além do inglês, que sem sombra de dúvida, é considerado como essencial para se garantir uma boa colocação no mercado. Nos anexos (3), encontram-se depoimentos como os de Ricardo Schultz e o do diretor da empresa Brainstorm comprovando a exigência no domínio de línguas estrangeiras para os aspirantes a cargos em várias empresas brasileiras.

De fato, o ensino do português como língua estrangeira não forma parte substancial da planificação lingüística de nenhum dos outros três países membros do Mercosul. O português, se não chega a ser excluído do sistema educativo desses países, tampouco ocupa um lugar de destaque como língua estrangeira.

Outro fator que contribui para que o ensino do português não receba a devida atenção é que nos países da América do Sul há muitos defensores da idéia de que mais importante do que aprender português é aprender inglês, pois esse é um idioma considerado de vital importância para quem quer ter acesso a um mundo de novos conhecimentos.

Na medida em que o ensino de línguas estrangeiras se fundamenta na necessidade de que todos os alunos possam ter acesso a uma formação especializada e ampliar seus horizontes, tanto profissionais quanto pessoais, a situação atual parece mostrar que para muitos habitantes dos países do Mercosul, o inglês é a língua com maior capacidade de alcançar esses objetivos.

Comparado ao prestígio que tem o inglês no mundo de hoje, o português realmente parece condenado a ficar relegado ao segundo plano. Caso o Brasil afirme sua importância diante dos demais países participantes desse bloco, pode ser que lhe dêem mais importância e que se façam esforços no sentido de que ele passe a ser ensinado nos outros países do continente, permitindo uma aproximação maior entre os povos.

Há quem defenda a idéia de que a América Latina, para fazer face aos outros grupos economicamente mais fortes, só logrará sucesso e fará progresso, no dia em que os países latino-americanos se unirem

Um fator importante para essa união seria a possibilidade de que todos se fizessem entender. Para isso, aprender português seria importante, uma vez que o Brasil vem atraindo a atenção de vários outros países do mundo e, ao que parece, começa a exercer um papel importante e de grande influência no mundo. Na condição de país mais importante do continente sul-americano, com empresas que fazem grandes investimentos nos outros países, sendo importante parceiro comercial, o aprendizado da língua portuguesa tem uma importância estratégica e pode passar a exercer um papel mais atrativo e mais importante para os outros povos.

Há que se levar em consideração também o fato de que, apesar de ser o idioma oficial de apenas um país do continente, os cento e oitenta milhões de falantes de português no Brasil representam 80% da população dos países que compõem o Mercosul, 50% dos países que formam a América do Sul e 34% dos países da América Central. Não há, portanto, como negar a importância da língua portuguesa no continente sul-americano.

Apesar da força da língua portuguesa, Jaguaribe (2005) defende a idéia de que enquanto ela não conquistar o nível internacional do espanhol – algo que poderá acontecer, caso o Brasil se destaque no cenário mundial - o espanhol deveria ser assumido como o idioma que expressa a identidade brasileira. Ele observa, porém, que a ênfase nessa identidade deve começar por casa, pois julga inadmissível o emprego abusivo de palavras estrangeiras no dia-a-dia da vida dos brasileiros. E acima de tudo: “ Mais que uma questão de idioma, entretanto, o de que se está presentemente necessitando é de uma vigorosa afirmação da cultura latina. Não se trata de desmerecer a cultura anglo-saxônica. Trata-se de atingir níveis de excelência em nossa própria cultura”.

3.3.

Situação da política de línguas estrangeiras no Mercosul

Se for analisada a situação da política de línguas estrangeiras nos quatro países do Mercosul, ficará claramente evidenciado o amplo predomínio do inglês sobre as outras línguas. Não tem sido fácil fazer com que os acordos assinados pelos quatro países que compõem esse bloco sejam efetivamente colocados em prática. Bertolotti e Lutz (2002) organizaram dados e informações com respeito à situação do ensino de línguas estrangeiras nos países do Cone Sul – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Desses, Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai terão analisadas suas políticas nos itens a seguir.

(A) Brasil

Um aspecto substancial do ensino de línguas no sistema público brasileiro fundamenta-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei determina que o ensino fundamental e o ensino médio têm de ter uma base comum, complementada de acordo com as realidades regionais e locais diversas. Nesse âmbito diversificado inclui-se o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, obrigatoriamente a partir da 5ª série. A escolha dessa língua dá-se por parte de cada comunidade escolar e está sujeita às possibilidades da instituição. Para o ensino médio, a partir dos 14 anos, fica estabelecido que se incluirá uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória escolhida pela comunidade e de acordo com as disponibilidades da instituição. Será incluída uma outra língua de caráter optativo.

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil também está regulado pelos PCNs. Na parte II desse documento, *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, fundamenta-se o ensino das línguas na busca do respeito à diversidade. Seu objetivo é conhecer e usar a língua estrangeira moderna como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.

Alega-se que o ensino de línguas estrangeiras deve ser pensado em termos de competências integradas, na medida em que cada língua é veículo da comunicação de uma

cultura. Isso se justifica pelo fato de que a comunicação é uma ferramenta indispensável no mundo moderno para a formação pessoal, acadêmica e profissional do indivíduo.

No currículo, as línguas estão integradas a uma área maior - *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* - uma vez que elas são concebidas como parte indissolúvel dos conhecimentos essenciais que permitem que o estudante se aproxime de várias culturas e, em conseqüência, se integre a um mundo globalizado. Destaca-se como papel fundamental das línguas o de serem veículos fundamentais de comunicação entre os homens. As aulas devem ter por objetivo levar o aluno a comunicar-se adequadamente em diversas situações da vida cotidiana.

Os *Parâmetros* fazem referência explícita à “guerra lingüística” instalada no Brasil, assim como nos demais países do Cone Sul. Neles se diz que se não é desejável o monopólio lingüístico do inglês nas escolas públicas, também não seria o do espanhol. Argumenta-se que mesmo essas línguas sendo muito importantes, é preciso ter em conta uma multiplicidade de fatores na hora de tomar uma decisão em relação à língua que deverá ser ensinada. Entre esses fatores, destacam-se: as características sociais, culturais e históricas da região; os interesses locais; o mercado de trabalho no qual o aluno se inserirá.

Nesse sentido, destaca-se a importância do inglês e do espanhol, reservando o espaço da inclusão da segunda língua de acordo com os interesses da comunidade. Tendo em vista que muitas cidades foram povoadas por imigrantes, é provável que em determinadas áreas do Rio Grande do Sul, por exemplo, seja muito mais significativo o ensino do italiano e do alemão, em função das colônias italianas e alemãs que ali vivem, do que oferecer cursos de francês, por exemplo.

De acordo com os *Parâmetros*, para ser coerente com os interesses e necessidades de uma determinada população é preciso observar a população local, conhecer a história da região e os interesses da clientela a quem se dedica esse ensino, sendo preciso, pois, não mais adequar o aluno às características da escola, mas, sim, a escola às necessidades da comunidade”. (“*Parâmetros*:25)

Em relação a esse item pode-se observar que em regiões de fronteira, como por exemplo, no caso do Amapá com a Guiana Francesa, em algumas cidades, deveria ser estabelecido o ensino do francês como segunda língua, devido à proximidade geográfica e

ao contato constante entre os habitantes dessas localidades. Day, (2005 : 85) em sua dissertação de mestrado ainda inédita, constata, no entanto, que “ de ambos os lados da fronteira, o inglês é a língua estrangeira mais estudada pelos habitantes da região, seja por escolha própria, como é o caso de Saint Georges, seja por imposição, como acontece em Oiapoque. Elementos que denotam a ausência de ações político-lingüísticas concretas e apropriadas para o lado brasileiro”.

O que se pode observar é que o inglês é de longe o idioma estrangeiro de maior prestígio no Brasil, deixando o espanhol como segunda opção, embora este último seja considerado de mais fácil aprendizado, devido à proximidade com o português.

(B) Argentina

Durante algum tempo, o sistema educativo argentino oferecia a opção de duas línguas estrangeiras: a primeira se estudava durante três anos da escola secundária e a segunda, durante outros dois anos. Nessa época os estudos secundários não eram obrigatórios. Nesse contexto, a demanda pelo inglês foi crescente.

Na Reforma ocorrida em 1994, seguindo a tendência que vinha se manifestando nas escolhas permitidas no sistema anterior, são estabelecidos períodos de ensino obrigatório de inglês e períodos opcionais, que se convertem em obrigatórios para a maior parte da população afetada.

Na medida em que o ensino de língua estrangeira se fundamenta na necessidade de que todos os alunos possam ter acesso a uma formação especializada e a ampliar seu horizonte profissional e pessoal, a situação atual parece mostrar que no imaginário dos argentinos, o inglês é a língua com mais possibilidades de preencher esses requisitos.

Após ter passado por um período de ditadura, a partir de 1983, a Argentina começou um processo de reinstitucionalização. Nessa ocasião, aconteceram reformas gerais em seu sistema educativo, algumas das quais relacionadas ao estudo das línguas estrangeiras.

Atualmente, o ensino de línguas estrangeiras no sistema oficial é produto da Resolução N°66/97 C.F.C.y E., Acuerdo Marco para la Enseñanza de Lenguas.

Antes da reforma de 1994, as línguas estrangeiras não eram ensinadas na escola primária pública. Na escola secundária ensinavam-se inglês, francês, italiano em algumas; o português era ensinado em poucos estabelecimentos.

Atualmente se estabelece o ensino de no mínimo dois níveis para a educação geral básica, entendendo-se por nível uma unidade de aprendizagem-aquisição de três anos que implica o desenvolvimento progressivo das competências lingüística e comunicativa. Pelo menos em um desses níveis a língua deverá ser obrigatoriamente o inglês.

De acordo com o estabelecido nessa legislação, os alunos devem ter pelo menos seis anos de ensino de línguas estrangeiras - dois períodos, cada um de três anos, que formam parte da educação obrigatória. Desses seis anos, pelo menos três devem ser de inglês. Na maioria das províncias optou-se pelo inglês nos dois períodos obrigatórios e também nos não obrigatórios.

Na visão de muitos, o inglês, como língua de comunicação internacional, desempenha um papel fundamental nesse campo a partir de sua pertinência como espaço de encontro habitual entre falantes de 'línguas diferentes para facilitar a comunicação social, científica ou técnica. Alegam que possui traços de inteligibilidade geral, ou seja, traços não associados a nenhuma variedade ou cultura de origem particular, facilitando a entrada a muitas culturas.

Por essa razão, tantos advogam que o ensino de inglês deve ser priorizado, em detrimento do de português.

(C) Paraguai

O Paraguai é um dos raros casos em que a língua dos menos poderosos foi adotada pelos vencedores. É o guarani a língua cotidiana dos descendentes de espanhóis e a língua veicular entre indígenas de outras línguas maternas. O espanhol era a língua da educação, da literatura, da administração, da justiça e de outras funções de prestígio, enquanto que o guarani era a língua falada em casa, era a língua do cotidiano, da amizade, da música popular, ou seja, a língua oral por excelência. Sem dúvida, era símbolo de

identidade nacional. Nos últimos anos tem havido mudanças nessa situação: o guarani foi declarado língua co-oficial junto com o castelhano, teve unificada sua ortografia e é ensinado nas escolas. Ainda assim, o Paraguai aceitou que os dois únicos idiomas oficiais do Mercosul fossem o português e o espanhol

Quanto ao ensino de línguas estrangeiras, tradicionalmente o país não apresentou grande desenvolvimento nesse aspecto, devido às suas características rurais, sua escassa educação superior e seus escassos contatos com o estrangeiro. Atualmente, ensinam-se línguas estrangeiras – principalmente inglês e português nos períodos não obrigatórios da educação oficial.

(D) Uruguai

Esse país tem alguns pontos de identidade com a Argentina no que se refere à sua conformação lingüística. , particularmente no tocante à imigração. Tradicionalmente se ensinavam línguas européias - francês, inglês, italiano – sem intenções de promover o bilingüismo. As comunidades de imigrantes criaram instituições educativas que promoveram a manutenção de suas línguas - inglês, francês e alemão. Hoje em dia, as elites socioeconômicas recebem educação nessas instituições.

Atualmente, o “plurilingüismo” da educação uruguaia está se transformando em um monolingüismo inglês, a única língua obrigatória nos períodos exigidos da educação publica.

A história lingüística do Uruguai é uma história de proteção ao espanhol, frente à ameaça do português.

A necessidade de gerar uma identidade não lusa levou o estado uruguaio desde cedo, meio século depois de sua independência, a implementar um extenso sistema educativo que permitiu a homogeneização lingüística no sul, assim como também a absorção das línguas dos contingentes migratórios. Quanto à população bilíngüe ou falante de português, essa política leva claramente a retroceder sua presença no território. Em 150 anos, como assinalam Barrios et alii (1993), a porcentagem de população bilíngüe ou falante de português reduz-se a menos da metade.

Em relação ao ensino de línguas estrangeiras, o Uruguai apresenta uma atitude similar à da Argentina. Sempre se priorizaram as línguas de prestígio da Europa: o francês, o italiano e o inglês.

O ensino do francês se justificava pela influência cultural dessa nação, o inglês por sua relevância comercial e o italiano por sua importância no Direito e na Medicina.

A partir de 1991, os alunos do ciclo básico, ao entrarem no Liceu, podiam optar entre o inglês e o francês. A maior parte dos alunos, ou melhor dizendo, dos seus familiares, optava pelo inglês, visto como o idioma que permitiria uma ascensão social e econômica, devido a sua importância como língua global.

Desde 1996 há uma oferta monolíngüe em inglês que afeta a todos os estudantes.

A opção pelo inglês como língua obrigatória no currículo de ciclo básico fundamenta-se a partir do raciocínio de que seu conhecimento é imprescindível para uma inserção vitoriosa do cidadão do século XX em um mundo em mutação, no qual o desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento em todos os seus aspectos, obriga-o a um relacionamento maior e mais eficaz a nível internacional.”

Tão grande é a força do inglês que o inseriram no currículo da Educação Secundária com uma carga equivalente à de língua materna. Entre algumas razões apontadas para esse procedimento encontram-se as de ordem:

- ✓ **Instrumental:** uma inserção melhor e mais eficiente no mundo do trabalho.
- ✓ **Acadêmica:** a grande maioria das publicações técnicas em todos os campos da atividade humana estão nessa língua., sendo que ele é fundamental para que se possa cursar com êxito os estudos superiores.
- ✓ **Cognitiva:** contribuições inegáveis que o conhecimento de uma segunda língua pode trazer ao desenvolvimento cognitivo de um aluno.

(La Reforma de la Educación. *El currículo experimental en el Plan Piloto del Ciclo Básico, Año 1997.* Documento VII, pp.37-8)

Quanto ao ensino de português, constatou-se que na educação primária, em 2003, ficaram de ser implantados planos de ensino de português como língua estrangeira em tempo integral, em dois estabelecimentos na fronteira.

(Acta 58, Res.22. ANEP Codicen.)

3.4.

A importância da valorização do ensino de português e espanhol nos países do Mercosul

De fato, o que se pode verificar pelo exposto é que ante o poder do inglês fica muito difícil que os países componentes do Mercosul consigam implementar eficazmente o ensino do português a seus habitantes. As condições são muito desiguais. Seriam necessários investimentos maciços na tentativa de conscientização dos sul-americanos da importância de um continente poder se entender e se comunicar de forma eficiente. Já que lutar contra a hegemonia do inglês é ao que parece uma tarefa que se assemelha à de Dom Quixote, personagem de Cervantes, lutando contra os moinhos de vento, melhor seria que se tentasse fazer com que todos percebessem que só teriam a lucrar com o aprendizado de mais uma outra língua além do inglês, no caso, o português, para os países sul-americanos e o espanhol para o Brasil.

O fato de o inglês ser considerado de vital importância para o mundo moderno não deveria , portanto, excluir a possibilidade de se aprender(em) outra(s) língua(s). No caso dos países que compõem o Mercosul, o ideal seria que aprendessem português (os sul-americanos) e espanhol (os brasileiros), pois a integração lingüística viria a reforçar a integração social e econômica dos países membros do bloco regional. A existência de apenas duas línguas oficiais nesse bloco representa uma enorme vantagem em relação aos países da União Européia, por exemplo, que de início contava com onze línguas oficiais e a partir de 2004 passou ter mais nove, perfazendo o total de vinte línguas até o presente momento. Com o plano de outros países passarem a integrar esse bloco, outras línguas mais se juntarão às vinte já existentes.

Além do número pequeno de línguas oficiais, outro elemento facilitador para a aquisição da fluência nos dois idiomas é que como são línguas aparentadas, que têm a mesma origem, são mais fáceis de serem aprendidas, demandam menos tempo, uma vez que em um ano já se adquire uma fluência razoável tanto em uma como em outra língua, além de despender menos dinheiro, pois a fluência total é obtida em metade do tempo exigido para a aprendizagem de outros idiomas. No caso do inglês, alguns dos principais cursos - Cultura Inglesa, Ibeu, Britania, Brasas - oferecem cursos completos que duram de cinco a sete anos; já os cursos de espanhol - CCAA, Casa de España – oferecem cursos completos com duração média de três anos.

Essa valorização da cultura sul-americana não tem se mostrado fácil. É de se chamar a atenção a falta de coerência entre o discurso político e medidas concretas para colocar as políticas lingüísticas em prática. Tem havido muita resistência contra a integração dos países sul-americanos. Há uma inércia histórica das políticas de nação-estado, baseadas em tradição de monolingüismo, homogeneização cultural e segregação entre vizinhos. Não é fácil passar de um planejamento de identidade nacional baseada em uma língua e uma cultura para uma pluricultural

É preciso, portanto, não poupar esforços no sentido de aumentar a importância das línguas de Cervantes e de Camões, não permitindo que fiquem esmagadas pela força incontestável da de Shakespeare.